

Collor quer dívida perdoada

O perdão da metade da dívida externa brasileira — avaliada hoje em US\$ 110 bilhões — como condição para retomada dos pagamentos dos juros aos banqueiros estrangeiros é o ponto principal da proposta que o presidente eleito Fernando Collor de Mello está estudando, por sugestão do embaixador Rubens Ricúpero, que vem sendo cotado para ocupar o Ministério das Relações Exteriores no futuro governo.

Recém-eleito presidente do Conselho do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt) com sede em Genebra, o embaixador Ricúpero está de passagem pelo Brasil e ontem participou do Fórum "Perspectivas do Brasil no próximo governo", no Rio. Ele confirmou ter exposto suas idéias para o futuro presidente em agosto passado, levado pelo seu amigo e cunhado de Collor, embaixador Marcos Coimbra. "O presidente perguntou muito e quase nada comentou", contou Ricúpero, negando ter recebido convite formal para ser o novo chanceler brasileiro.

Ricúpero acha viável o Brasil conseguir redução de 50% de sua



Ricúpero diz que só assim Collor pagará os juros

dívida, já que o México e Filipinas obtiveram esse benefício, embora em proporção menor. "O importante", assinala, "é que o princípio do perdão passou a ser aceito pelos países credores". Segundo a proposta, só depois de conseguir a redução de sua dívida o Brasil deve definir com os credores quanto irá pagar de juros.

Para que os ganhos obtidos com a renegociação externa contribuam para o desenvolvimento econômico no país é fundamental o controle da inflação, acrescenta Ricúpero. E para tornar possível o fluxo de capitais externos de risco (seja em forma de investimento ou empréstimo), o novo governo precisa articular uma política ex-

terna combinada com o respeito aos direitos humanos e ao meio-ambiente. Segundo Ricúpero, os bancos estrangeiros têm feito exigências ligadas à preservação do meio-ambiente para liberar empréstimos, e o Brasil, com sua grande floresta amazônica fica ainda mais vulnerável do que outros países.

Receita do BID

No mesmo Fórum Nacional, o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, afirmou que "o futuro da América Latina depende de sua inserção no mercado internacional, onde eficiência e competitividade são requisitos básicos".

Segundo a tese defendida por Iglesias, "os países latino-americanos precisam deixar de ser os maiores exportadores de capitais para o pagamento da dívida externa e retomar o desenvolvimento econômico sustentado. A América Latina tem exportado anualmente entre US\$ 25 e US\$ 30 bilhões — equivalentes a 4% de seu PIB — para o pagamento da dívida externa, e deixou de investir US\$ 80 bilhões na década de 80 em relação à anterior".